

## CRIME

# Assassinatos em UTI chocam o DF

As mortes de três pacientes no Hospital Anchieta, em Taguatinga, são investigadas como homicídios pela Polícia Civil.  
Três técnicos de enfermagem teriam aplicado substância em alta dosagem nas vítimas

» DARCIANNE DIOGO  
LETÍCIA MOHAMAD

**E**lisabeth Maria Campelo do Lago Leal, 61 anos, deixou os corredores do Hospital Anchieta, em Taguatinga, na madrugada de 18 de novembro de 2025, agradecendo aos médicos pelo esforço para salvar o marido. João Clemente Pereira, 63, servidor da Companhia Ambiental de Saneamento do DF (Caesb), estava internado desde 4 de novembro na unidade de terapia intensiva (UTI) para tratar um coágulo na cabeça e morreu após sofrer uma parada cardiorrespiratória. Na semana passada, Elisabeth recebeu a notícia de que a morte do marido é investigada como um possível assassinato cometido por três técnicos de enfermagem — todos presos pela Polícia Civil.

João não tinha histórico de doenças graves, segundo os filhos Eduardo Leal, 37 anos, e Valéria Leal, 29. Submetia-se a exames periódicos, mas a dor de cabeça persistente o levou a procurar atendimento médico. Em 3 de novembro, trabalhou normalmente no cargo de supervisor de manutenção da Caesb. No dia seguinte, deu entrada no Anchieta.

As 13h03 do dia 4, Eduardo recebeu uma mensagem do pai: "Estou internado. Tem um pequeno coágulo na cabeça e a cirurgia é hoje." A família reuniu-se no hospital. Estavam todos com um "nó na garganta". "Ficamos com medo, mas mantivemos a calma e a fé", disse Valéria ao **Correio**.

Antes da cirurgia, João não demonstrou preocupação e poupou declarações de despedida. Disse apenas ao filho: "Leva meu carro para casa". O procedimento seguiu sem intercorrências, mas ele permaneceu em coma induzido para tratar complicações pulmonares após a extubação. No dia 17, sofreu a primeira parada cardíaca. A família foi chamada e encontrou os médicos tentando reanimá-lo. "Eles (médicos) acharam uma obstrução pequena, mas que, eles mesmos disseram, isso não justificaria", contou o filho.

Aquela altura, a esposa e os filhos receberam a notícia de que as chances de óbito eram grandes. Na madrugada do dia 18, veio a segunda parada cardíaca, que levou à morte do servidor. Os três saíram do hospital transtornados, mas agradecendo às equipes pelos cuidados prestados. Cuidados que, dias depois, passariam a ser questionados pela investigação.

### A notícia

Em 16 de janeiro, Elisabeth recebeu uma ligação inesperada do hospital. Imaginou que se tratasse de alguma pendência financeira do plano de saúde. A direção a chamou pessoalmente e contou sobre a investigação da Polícia Civil que identificou a atuação dos técnicos de enfermagem Marcos Vinícius Silva Barbosa de Araújo, 24 anos, Marcela Camilly Alves da Silva, 22, e Amanda Rodrigues de Sousa, 28. Os três são suspeitos de aplicar uma alta dosagem de uma substância química na veia de três pacientes, incluindo João. As mortes ocorreram entre novembro e dezembro do ano passado.

"O que queremos é justiça para ele e todas as outras vítimas que eles fizeram. O hospital também precisa ser responsabilizado", desabafou Valéria, filha de João Clemente.

Além de João, as vítimas são Marcos Moreira, 33, servidor dos Correios; e Miranilde Pereira da Silva, professora de 75 anos.



Suspeito de assassinar pacientes foi preso em 11 de janeiro. Investigações estão em andamento

### Como agiam os suspeitos

Investigações do IML avaliaram que as três vítimas procuraram a unidade de saúde com quadros clínicos distintos. No entanto, todas apresentaram evoluções semelhantes, incluindo piorias abruptas e necessidade de reanimação. "Os episódios ocorreram em um intervalo muito próximo à administração de medicamentos pela via intravenosa. Com acesso aos vídeos, verificamos a manipulação de seringas e acessos por parte desse profissional", explica a diretora do IML, Márcia Reis.

Trata-se de uma substância comum nos hospitais, mas que, se administrada de forma inadequada, pode levar à morte. Por ser aplicada por via intravenosa e, nesse caso, sem diluição, sua ação era quase imediata, causando paradas cardíacas. De acordo com o delegado Wislel Salomão, os elementos coletados são bastante robustos no que se refere à intencionalidade do

crime. "Há fortes indícios de que o técnico de enfermagem se passou pelo médico, entrou no sistema que estava aberto e fez a prescrição dos medicamentos. Ele foi até a farmácia, preparou a substância e escondeu em seu jaleco, aplicando-as nas veias das vítimas", detalhou.

No caso da vítima de 75 anos, a aplicação foi feita quatro vezes. Nas quatro, ela foi reanimada. Não obtendo êxito no crime e já sem acesso ao sistema, o suspeito chegou a aplicar desinfetante por mais de dez vezes em sua veia.

Em uma atitude dissimulada diante do restante da equipe médica, Marcos ainda realizava massagem cardíaca para reanimar os pacientes. "Nas filmagens, é possível constatar que as duas suspeitas ficavam na porta olhando para ver se terceiros não entrariam. Negligentes, em nenhum momento chegaram a denunciar ao hospital ou à polícia", acrescenta Salomão.



Miranilde Pereira da Silva, professora, tinha 75 anos



Marcos Moreira, de 33 anos, era servidor dos Correios



Eduardo e Valéria Leal: justiça pelo pai, João Clemente Pereira

A investigação do caso que abalou três famílias começou na véspera de Natal de 2025. A PCDF foi procurada pelo Hospital Anchieta e informada que a Comissão de Óbitos havia identificado a possibilidade de três homicídios terem ocorrido nos leitos da UTI da instituição. Por meio do acesso a prontuários e a imagens de câmeras de segurança, foi detectado o comportamento suspeito dos três técnicos de enfermagem na ocasião em que dois pacientes internados morreram de forma suspeita.

Dante da suspeita, o hospital passou a investigar outras mortes ocorridas nesse mesmo padrão e detectou, em 1º de dezembro, um terceiro óbito. Finalizada a auditoria interna, a instituição comunicou o caso à polícia. A investigação se tornou prioritária no momento em que a equipe foi informada que Marcos — demitido do Anchieta — estava trabalhando na UTI neonatal de um hospital infantil, também em Taguatinga.

Em uma força-tarefa entre a Coordenação de Homicídios e Proteção à Pessoa (CHPP), o Instituto Médico Legal (IML) e o Instituto de Criminalística, foram expedidos os mandados de busca e apreensão, em 12 de janeiro, e, três dias depois, os envolvidos foram presos temporariamente em Taguatinga,



Marcos Vinícius de Araújo é o autor das aplicações letais



Marcela Camilly Alves da Silva: suspeita de coautoria



Amanda Rodrigues de Sousa também é acusada de cumplicidade

receita passada pelo médico. Porém, após ser confrontado com as imagens — desde ele sentado no computador do médico até a aplicação do medicamento —, confessou o crime. "Até estudantes de enfermagem e medicina e técnicos ainda nos primeiros anos de curso sabem que não se aplica essa substância dessa forma", destaca o delegado.

Os três investigados foram "extremamente frios" durante os interrogatórios. "Quando passamos os vídeos, eles não manifestaram surpresa nem choque. Também não demonstraram arrependimento", completa Salomão. Marcela também negou o crime, afirmando não saber o que Marcos aplicava nos pacientes. Diante dos vídeos, ela contou ter se arrependido de não impedir o ato nem avisar a equipe do hospital, além de confirmar saber que a substância utilizada poderia matar se aplicava de forma indevida.

Amanda, por outro lado, negou os fatos e afirmou achar que Marcos estava apenas aplicando medicamentos corriqueiros, apesar de as imagens mostrarem ela vigiando a porta enquanto o suspeito injetava as substâncias nas vítimas. Confrontada, ela manteve-se em silêncio. Nenhum dos três elucidou a motivação do crime. "Agora vamos analisar os celulares aprendidos e os demais computadores dos autores, a fim de entender o porquê dessa barbaridade", afirma o delegado.

Segundo Leandro Oliveira, perito do Instituto de Criminalística, todas as informações coletadas estão em fase de exame e verificar se houve mortes com esse mesmo padrão. "São mais de 20 laudos em andamento nesse formato de regime prioritário" declara.

Por nota oficial, o Hospital Anchieta informou que, ao identificar circunstâncias atípicas relacionadas a três óbitos ocorridos em sua Unidade de Terapia Intensiva, instaurou, por iniciativa própria, "em cumprimento ao seu dever civil, ético e ao seu compromisso com a transparência", comitê interno de análise e conduziu investigação célere e rigorosa. De acordo com a unidade, em menos de 20 dias foi possível identificar as evidências envolvendo ex-técnicos de enfermagem.

"Com base nessas evidências, fruto da investigação interna realizada pela instituição, o próprio Hospital requereu a instauração de inquérito policial, bem como a adoção das medidas cautelares cabíveis, inclusive a prisão cautelar dos envolvidos os quais já haviam sido desligados da Instituição, prisões as quais foram cumpridas pelas autoridades nos dias 12 e 15 de janeiro de 2026".

O hospital continuou em nota: "O Hospital, enquanto também vítima da ação destes ex-funcionários, solidariza-se com os familiares das vítimas, e informa que está colaborando de forma irrestrita e incondicional com as autoridades públicas, reafirmando seu compromisso permanente com a segurança dos pacientes, com a verdade e a justiça", finalizou.

O Conselho Regional de Enfermagem do DF (Coren-DF) esclareceu que acompanha o caso e adotou as providências cabíveis no âmbito de sua competência legal. "O Conselho segue comprometido com a segurança do paciente, a ética profissional e a defesa de uma enfermagem qualificada, responsável e comprometida com a vida", pontuou.